MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

Juliana e Luísa

Duas Personagens Queirozianas...

BARCELOS

134.3-4Figueire

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO nasceu em Cambeses, Barcelos. Licenciada em Filologia Românica. Professora.

Tem colaboração dispersa por vários jornais e revistas nomeadamente Boletim da Casa de Camilo, revista "Mea Villa" de Vila Nova de Gaia, revista Tellus, jornal "O Primeiro de Janeiro" etc.. Tem participado em vários Congressos onde apresentou comunicações de carácter literário, nomeadamente Congresso Português de Literatura Brasileira, I Encontro de Escritores Luso-Galaicos, 1.º Congresso Nacional José Régio em Vila do Conde, Encontros de Poesia de Vila Viçosa, Encontro de Escritores de Trás-os--Montes e Alto Douro, "Colóquio de Manuel Boaventura" em Esposende, etc..

Obras Publicadas:

Ficção (Contos):

"O VENTO E AS RAÍZES" 1972 (esgotado).

"HORIZONTES DE BRUMA" 1974.

"ROSA ROSAE" 1984.

A
Biblioteca Municipal de Barcelos
com muito apreço

JULIANA E LUÍSA

Duas personagens queirozianas

Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto
Rua Rodrigues Sampaio, 140
Telef. 311056
4000 PORTO

CENTRO GRÁFICO
4761 Vila Nova de Famalicão
Dezembro de 1985

MARIA DO PILAR FIGUEIREDO

JULIANA E LUÍSA

Duas personagens queirozianas

W 52-2-27
C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 16.821
Barcelona
Perm.

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO

Sub-intitulado «episódio doméstico», é o romance «O Primo Basílio» fértil na apresentação de figuras que, no seu conjunto, fornecem um friso inesquecível no desenrolar duma intriga que não dura mais que escassos meses.

Assim, e à medida que, através dum admirável retrato, nos é permitido conhecer um pouco da vida da Lisboa Regeneradora com as suas hipocrisias e mediocridades, duas personagens se destacam: Luísa e Juliana, as duas lado a lado, na intimidade duma casa da média burguesia de então.

Se, inicialmente, Luísa nos surge como a burguesinha lisboeta, com os seus devaneios, a sua ociosidade, Juliana, pelo contrário, surge-nos como uma figura ambígua, na qual sobressai, ainda, o mecanismo da obediência, acorrendo solícita, ao chamamento da patroa. Apesar disso, Luísa mostra claramente a antipatia que lhe dedica a ponto de comentar para o marido: — «Estou a tomar ódio a esta criatura, Jorge!» (1). E mais adiante: — «Mas enfim se eu embirro com ela,

---

(1) QUEIRÓS, Eça de, «O Primo Basílio», Lisboa, Círculo de Leitores, s/d, p. 24.

não me importa, posso bem mandá-la embora» (2). Todavia, perante a desaprovação deste, mais não faz que amuar e, consequentemente, Juliana irá permanecer na sua companhia durante a ausência do marido.

A chegada do primo Basílio a essa casa penumbrosa e fresca irá perturbar o doce silêncio em que esta tem permanecido, ao mesmo tempo que amenizará o tédio e o desencanto daqueles fastidiosos dias de verão que Luísa arrasta, na sua ociosidade. Significativamente, será Juliana a primeira pessoa que ele encontrará ao procurar a prima. Juliana que cedo se irá revelar personagem cúpida e sinistra, tecendo laboriosamente a sua rede de acções mesquinhas com que, fatalmente, envolverá Luísa.

Igualmente significativa é a visita de Leopoldina que Juliana lhe anuncia, no preciso momento em que ela, após ter sabido pelo jornal do regresso do primo Basílio, se queda a imaginar como seria a sua vida se se tivesse casado com ele.

Há como que uma indiciação nestas coincidências, que talvez não sejam apenas coincidências: Leopoldina actua aqui como um símbolo, o símbolo do adultério que Luísa irá cometer.

Na verdade, o adultério cometido por Luísa é o ponto fulcral da diegese, mas Luísa quase se apaga em confronto com Juliana que adquire um relevo

---

(2) Ibidem, p. 24.

extraordinário em todo o desenrolar da intriga. Ela é, para além duma figura sombria, antipática, um ser nevrótico e activo que se contrapõe a Luísa, mulher bonita, risonha, passiva.

Desde o início que se adivinha em Juliana características especiais que fazem dela uma personagem singular, sem paralelo neste romance queiroziano. Pertencente a uma classe, ao tempo nada favorecida, é uma figura que se contrapõe a todas as outras, até mesmo às suas colegas de profissão.

Natural de Lisboa, filha duma engomadeira e dum presidiário desterrado em África, nada se sabe da sua infância, dos traumas sofridos que, numa perspectiva freudiana, poderiam estar na origem dum comportamento tão singular. Parece-nos, no entanto, não ser de desprezar o facto de Juliana ser filha dum criminoso, embora aparentemente, tenha tido uma infância e juventude igual à das da sua condição. Sem parentes próximos, começou a trabalhar como criada de servir pouco antes da mãe morrer e nunca se adaptou à profissão. De feitio agressivo «cortante como um nordeste» ([3]) não parava muito tempo em cada casa.

Era uma mulher solitária e agreste, cheia de recalcamentos, triste, duma tristeza doentia. Nada devia à natureza, esta mulher feia. «Fôra sempre feia» ([4]),

---

([3]) Ibidem, p. 81.

([4]) Ibidem, p. 83.

envelhecida, gasta pelos trabalhos, pela doença e, sobretudo, pelo seu inconformismo com a sorte que lhe coube.

Ela servia há «vinte anos» ([5]). Vinte anos vividos a arrastar uma profissão que detestava e onde gastou a mocidade e a saúde. Vinte anos de inconformidade e de revolta. Vinte anos de privações, maus tratos, trabalhos duros. Vinte anos sombrios de humilhações e recalcamentos. Por isso engloba no seu ódio o bem-estar dos outros, sobretudo das patroas. Odiava-as nos bens que usufruíam, na saúde, nos ócios e alegrias que gozavam. Sentia-se ofendida com o riso delas, o luxo, o conforto em que estavam instaladas. «A ama era para ela o inimigo, o tirano. Tinha visto morrer duas — e de cada vez sentira sem saber porquê, um vago alívio, como se uma porção do vasto peso que a sufocava na vida se tivesse desprendido e evaporado!» ([6]).

Pouco tempo antes de entrar para a casa de Luísa, servira uma senhora de idade, tia de Jorge, que além de ser velha era muito doente. Durante um ano aturou-lhe noite e dia as rabugices com paciência, na esperança de receber uma pequena herança. Mas apesar de se ter insinuado no ânimo da velha senhora, mais não obteve dela que o pedido da protecção de

---

([5]) Ibidem, p. 79.

([6]) Ibidem, p. 82.

Jorge. Perdidas as esperanças de ser patroa, de se estabelecer, ficou-lhe «uma desolação constante» ([7]). E, quando entrou para o serviço de Luísa, desde logo detestou tudo o que ali encontrou. Tudo a molestava profundamente: a alimentação que não a satisfazia, o trabalho que era pesado, o quarto que não passava dum cubículo. Começou então a odiar a casa com um ódio que abrangia Luísa não só porque ela era a patroa, mas também porque tinha saúde, beleza, era elegante, saudável, ao passo que ela era feia e doente, uma mulher soturna e neurótica, com algo de singular.

De facto, Juliana é diferente das outras criadas que aparecem ao longo da intriga. É diferente, sobretudo, das duas Joanas: Joana cozinheira de Luísa e Joana criada de Sebastião.

É notório, a vários níveis, o contraste entre estas duas Joanas e Juliana: Joana cozinheira é saudável, robusta, come bem, dorme tranquila. É acomodatícia, trabalhadora. E como minhota que é, conserva a pronúncia do Minho.

Ti Joana, criada de Sebastião, também é do Norte, do Porto, e conserva igualmente a pronúncia nortenha. É baixinha, gorda, tem já os cabelos brancos. Está há trinta e cinco anos na casa e exerce funções de

---

([7]) Ibidem, p. 80.

governanta. Anda todo o dia pela casa «com o seu passinho arrastado, fazendo tilintar os molhos das chaves» ([8]).

Mas não é só deste modo que as duas Joanas se contrapõem a Juliana. Até no traje há diferença entre elas. Juliana é de Lisboa, veste à moda da cidade, longos vestidos e usa luvas pretas. As outras, não: Joana cozinheira ainda usa camisa de folhos à moda do Minho e Ti Joana surge-nos com «um vasto lenço branco muito asseado, traçado sobre o peito». Ti Joana, de cabelos brancos, está de acordo com a casa, que é antiga. Ama Sebastião como um filho. Trata-o por «menino». Igualmente Ti Joana gosta de Luísa. Adora-a. Chama-lhe nomes carinhosos ([9]), ao contrário de Juliana que, como vimos, detesta a patroa, como detesta estas suas colegas de profissão.

Aliás, ela detesta toda a gente, à excepção de Justina, criada de Leopoldina. Há afinidades entre elas e, fisicamente, talvez se pareçam pois Justina não é bonita, é «magrita e muito trigueira» ([10]) o que para a época não seria sinal de beleza. Mas mais que essas afinidades, parece uni-las a possibilidade de as respectivas patroas terem comportamento idêntico. Por isso Juliana, instintivamente, vai-se apro-

---

([8]) Ibidem, p. 118.

([9]) Ibidem, p. 121.

([10]) Ibidem, p. 150.

ximando de Justina na perspectiva de que a sua patroa tenha semelhanças com a patroa dela.

Há dois meses que Juliana serve Luísa mas esta não conseguiu ainda adaptar-se àquele rosto feio, «aos trejeitos» ([11]), à sua maneira pretensiosa de falar acentuando a pronúncia lisboeta, à vaidade tola de expor o pé pequeno sempre bem calçado e ostentar os seus melhores vestidos e jóias ([12]).

Juliana, por seu turno, finge aceitar com humildade as impertinências de Luísa, mas no íntimo, vai avolumando, de dia para dia, a aversão pela patroa. E se, intimamente, se refere a ela, é para a tratar pela alcunha acintosa de «Piorrinha». E embora Luísa seja para Juliana uma patroa como outra qualquer, Juliana não é para Luísa uma criada igual a tantas. Ela tem algo de especial que indispõe, que desperta antipatia e aversão. É uma figura sinistra, agoirenta, que intimida Luísa. Como um mau presságio, ela há-de surgir sempre nos momentos em que Luísa pensa em Jorge e, mais tarde, em Basílio.

Assim, quando esta, perante a notícia da chegada do primo se queda a evocar um passado comum aos dois e a imaginar como seria a sua vida se se tivesse casado com ele, é interrompida pela voz de Juliana

---

([11]) Ibidem, p. 23.

([12]) Ibidem, p. 23.

que lhe vem anunciar a visita de Leopoldina ([13]). E mais tarde, quando com insistência, Luísa de novo pensa no primo, é interrompida nos seus pensamentos pela voz fatigada de Juliana. E ainda, quando aborrecida com o amante, escreve ao marido, para se distrair, ela interrompe-a vindo entregar-lhe uma carta de Basílio ([14]). Luísa não consegue deixar de se intimidar com essa figura agoirenta, sombria, como se pressentisse já a ameaça de morte naquelas mãos ressequidas que incessantemente buscarão provas dum adultério a que ela não fugirá. De facto, esses dedos esqueléticos, esses olhos afundados num rosto cadavérico, saberão encontrar provas irrefutáveis, ou seja, a carta que Luísa lançou no cesto dos papéis. O próprio nome do caixote dos papéis, «sarcófago», parece surgir como presságio da tragédia que vai envolver os destinos do casal ([15]).

Na verdade, Luísa, cometido o adultério, ficará à mercê de Juliana que vai ser, por assim dizer, o instrumento indirecto da moralidade social e dum destino trágico e justiceiro que não perdoa e que actua, simbolicamente, como um castigo. Será, por assim

---

([13]) Ibidem, p. 30.

([14]) Ibidem, p. 219.

([15]) Ibidem, p. 180.

dizer, o chicote do carrasco que flagela Luísa pelo crime cometido, o do adultério.

Mas se o autor de «O Primo Basílio», ao focar a constituição moral da família na burguesia média da Capital, quis encarnar em Luísa a burguesinha romântica, produto duma educação errada, já o mesmo não acontece em relação à personagem Juliana.

Ao tratar desta personagem, Eça não faz uso da ironia nem do sarcasmo. Não aplica aquela técnica de deformação humorística que costuma aplicar no tratamento das suas típicas personagens, porque Juliana não é, como elas, figura típica duma sociedade considerada imoral. Juliana não é um tipo. É um caso, um dos caracteres de maior relevo que Eça criou. Juliana é o profundo e invulgar estudo duma alma de validade universal.

Mas Juliana não é só uma figura sombria. Ela personifica também o descontentamento azedo, o tédio da profissão e, sobretudo, uma capacidade enorme para odiar. Ela é não só um carácter agreste, indomável, mas também um amontoado de defeitos. Poderia mesmo afirmar-se que os sete pecados mortais estão, dum modo geral, nela encarnados, de tal modo se mostra não só agressiva mas também invejosa, interesseira, vaidosa e, sobretudo, orgulhosa.

Mas, sendo ela azeda e antipática, de tratamento agressivo, sabe, quando lhe convém, dissimular e, se necessário, agradar. Por isso, trata bem a inculcadeira

Vitória que, além de lhe arranjar os empregos, a vai aconselhando a dissimular para melhor tirar proveito das situações que se lhe deparam. Ela sabe que é dissimulando que consegue obter algumas vantagens. Por isso, é dissimulando a raiva que no seu peito se agita, que ela escuta de olhar humilde as reprimendas de Luísa ([16]). Do mesmo modo, quando estava em casa da Tia de Jorge, dissimulava a sua raiva e quanto mais a velha «ralhava com a sua voz gutural, mais Juliana se fazia serviçal» ([17]).

Igualmente dissimula o desagrado que os amores da cozinheira Joana e do carpinteiro lhe causam e protege-os pois que daí lhe advêm benefícios: Os caldinhos às horas de debilidade ou, quando mais adoentada, um bifinho às escondidas da Senhora, porque Juliana «era muito gulosa. Nutria o desejo insatisfeito de comer bem, de petiscos, de sobremesas» ([18]).

Era, também, bastante vaidosa. E apesar de feia, envelhecida, antipática, tinha muita vaidade no seu «pé pequeno, bonito, muito apertado em botinas de duraque com ponteiras de verniz» ([19]). «A sua alegria era ir aos domingos para o Passeio Público, e

---

([16]) Ibidem, p. 29.

([17]) Ibidem, p. 83.

([18]) Ibidem, p. 82.

([19]) Ibidem, p. 23.

ali, com a orla do vestido erguida, a cara sob o guarda-solinho de seda, estar a tarde inteira na poeira, no calor, imóvel, feliz — a mostrar, a expor o pé» ([20]).

Além de vaidosa, era orgulhosa. Como criada de dentro que era, julgava-se superior à cozinheira. E embora mantivesse boas relações com ela, não entrava no seu quarto e evitava familiaridade.

Nos tempos em que sonhava receber a herança que lhe proporcionaria um futuro risonho, imaginava ter a sua criada, mandar nela, exigir, «Faça, vá, despeje, saia!» ([21]), mandar como as patroas que ela tanto invejava. Porque Juliana era muito invejosa. «Com a idade aquele sentimento exagerou-se dum modo áspero». Invejava tudo na casa. Invejava o que os patrões comiam, a roupa que vestiam, os passeios que davam. Invejava-lhes as festas, exasperava-se perante a perspectiva duma noite bem passada para os seus amos. Se acaso um projecto de passeio se gorava, ela sentia-se feliz e o aspecto deles, decepcionado, deliciava-a, tornava-a expansiva. Invejava tudo o que os outros tinham e ela não possuía. Invejava, até, asperamente, a cozinheira pela posse daquele amor, pelas suas delícias.

Mas, de todos os pecados mortais, a ira é que mais fortemente a dominava. Uma ira mal contida,

---

([20]) Ibidem, p. 86.

([21]) Ibidem, p. 84.

alimentada por um ódio que dentro dela ruge como um vulcão prestes a expelir torrentes de lava. Perante as mais diversas situações sente tumultuar, dentro de si, uma fúria desordenada, quase assassina, alimentada por um ódio latente, meticuloso, um ódio que a corrói como a larva corrói a maçã.

E esse ódio que ela sente por tudo o que a rodeia é lume que acende a fogueira da raiva que a consome, da ira, da fúria que quase a destroem. Tem pois de expelir algum desse fogo que a devora se não, não poderá resistir. A sua capacidade de odiar é tão grande que faz dela uma figura ímpar. De facto, se em Juliana essa capacidade de odiar, por um milagre, se transformasse em capacidade de amar, ela seria tão grande como um S. Francisco de Assis.

Mas esse milagre não se dá. E ela vai continuar a odiar tudo e todos duma maneira geral e as patroas em especial, porque Juliana é insaciável. E ao odiar Luísa, fá-lo com mais intensidade ainda, porque o seu ódio é um ódio que ela vem acumulando ao longo de anos de recalcamentos, de dores, ofensas, frios e canseiras impostas por patroas mais ou menos prepotentes e ociosas. Um sentimento de aversão e azedume tão forte que, impossível de conter, se esparrinha em seu redor abrangendo os próprios vizinhos, que se lhe dirigem, intrigados com a mudança de hábitos de Luísa. Por isso vai iludir gostosamente a curiosidade deles, sobretudo da vizinha estanqueira, ansiosa por saber novidades acerca de Basílio. Habilmente, fur-

ta-se às respostas, nada adiantando acerca do recém-chegado ([22]), porque da sua atitude moderada, da sua reserva, só lhe poderão advir benefícios. Portanto, ela não se compromete, sabe dominar-se, esperar. E enquanto nada de novo acontece, Juliana aproveita a situação, faz cálculos, elabora projectos.

Ela é astuta, interesseira, calculista, e denunciante, também. De facto ela tem o seu primeiro papel de denunciante na intriga, ao informar Jorge de que Leopoldina estivera lá, o que leva Luísa a insurgir-se contra ela, violentamente.

Mais tarde, Juliana volta a denunciar Luísa, desta vez a Sebastião, dizendo-lhe que a patroa está com uma visita, «um rapaz novo» ([23]). E se no resto a intriga não tem, propriamente, um papel de denunciante, ameaça constantemente denunciar e, se não chega a efectivar a sua ameaça, é porque por intervenção de Sebastião, os acontecimentos tomam, subitamente, um rumo diferente.

Mas, para além de todos estes defeitos, Juliana tem, ainda, o defeito da curiosidade: «Os seus olhos grandes rolavam numa inquietação, numa curiosidade» ([24]).

([22]) Ibidem, p. 141.

([23]) Ibidem, p. 89.

([24]) Ibidem, p. 23.

Escuta às portas, examina as visitas, olha-as de lado, fugazmente. Faz o serviço, de «olho aberto sempre e o ouvido à escuta» ([25]). Mira as cartas que chegam, revira-as nos dedos, tentando adivinhar o que elas dirão. Remexe em todas as gavetas abertas, vasculha nos papéis atirados para o caixote, anda em «busca de um segredo, de um bom segredo!» ([26]). Algo que lhe possa proporcionar a obtenção de uma boa quantia.

Ao longo de toda a obra, a curiosidade de Juliana é, aliás, um factor importante: quando o primo Basílio surge pela primeira vez, na casa de Luísa, é Juliana quem lhe vai abrir a porta e, olhando-o atentamente, informa-o de que a Senhora vai sair. É neste ponto da intriga que a sua curiosidade começa a revelar-se mais intensamente.

A primeira visita do primo Basílio alerta-a. Toda ela é ouvidos e olhos abertos. A segunda visita deixa-a alvoroçada. A sua curiosidade redobra. Algo vai acontecer naquela casa de ordinário, calma. «Ficou, então, tomada duma curiosidade que a alterava como uma febre» ([27]).

Logo que Basílio e Luísa se despedem, ela corre a espiá-los. A febre da curiosidade que a domina,

---

([25]) Ibidem, p. 85.

([26]) Ibidem, p. 82.

([27]) Ibidem, p. 89.

parece acentuar-se, desperta a sua bisbilhotice. Mas a naturalidade de Luísa, a sua serenidade, confunde-a. Desesperada por não poder satisfazer imediatamente a sua curiosidade, insulta-a intimamente, ameaça-a em pensamento: — «Eu hei-de apanhar-te, desavergonhada! — Calculava» ([28]).

Toda a sua atenção vai pois ficar bem assestada sobre os gestos, as palavras, as expressões de Luísa. E é esse espírito de curiosidade latente que a vai ajudar a colher todos os elementos comprometedores do adultério. Ela não lhe escapará. E como a aranha esperando a mosca, pacientemente, assim ela espera que Luísa se enrede na teia que o destino para ela tecerá.

O seu temperamento nevrótico, dominado inteiramente pelo ódio que, subterraneamente, a mina, não a ajudaria a esperar calmamente, não fosse a Tia Vitória. E Juliana que até então, odiava a casa, os hábitos, as escassas comodidades que ela lhe oferecia, começa a encontrar ali algo que a emociona e lhe promete um bem que ela ainda não pode avaliar mas que pressente já.

E embora continue a viver dominada pela revolta secreta contra a sua condição de serviçal, na aparência continua humilde, atenciosa, afável. Está disposta, agora, a sofrer tudo na certeza de que, desta vez,

---

([28]) Ibidem, p. 90.

não faltará a recompensa pela sua persistência, ao contrário do que aconteceu com a Tia de Jorge. Modera-se nos seus ímpetos, cala as críticas venenosas que tecia tanto à casa como à patroa que obcecada pelos seus amores não exerce qualquer vigilância na casa. A sua antipatia por Juliana está praticamente dissipada, já não se impacienta e passa a considerar até que ela é «uma pobre de Cristo!» ([29]).

Juliana, porém, não se deixa impressionar pela inesperada simpatia da patroa. Vê-a comer com apetite, ou andar ligeira, cantarolando pela casa e resmunga: — «Canta, piorrinha, canta cabrazinha, canta bebadazinha» ([30]). No entanto, serve-a, atenciosamente, afavelmente. Redobra de cuidados para com ela. Trata-a como um objecto de valor. Mas se assim procede é para que Luísa não desconfie das suas intenções. E, de facto, esta não dá por nada. Ligeira e alegre, corre a encontrar-se todos os dias com o amante, enquanto que Juliana a vigia, ávida de desforra.

Com gozo crescente, vê-a enredar-se cada vez mais nas malhas do adultério e uma alegria alvoroçada toma-a. Rejuvenesce. Amacia o seu áspero temperamento. Vai chegar, enfim, o seu dia porque

---

([29]) Ibidem, p. 210.

([30]) Ibidem, p. 187.

ela terá paciência para seguir à risca os conselhos de Tia Vitória.

É agora bem definido o papel que Juliana começa a ter no desenrolar das situações. E a intriga que se desenvolvera lentamente até aqui, toma um impulso que precipita os acontecimentos. Juliana sente-se cada vez mais livre, mais segura. É ela quem domina a situação, a qual se torna mais favorável, mais promissória, quando Juliana consegue apanhar mais duas cartas que Luísa guardava num pequeno cofre.

De posse desses papéis Juliana vive numa febre. Tem «na mão a Luisinha, a senhora, a patroa, a piorrinha» ([31]). Portanto, é como se fosse ela, Juliana, a dona da casa.

Nunca Juliana se sentira tão bem, tão segura de si. Trabalha tranquilamente, sai sempre que lhe apetece, come os seus petiscos, descansa, passeia, enquanto que Luísa, cada vez mais enredada nas malhas do adultério, não dá por nada, nem se preocupa com a mudança de atitude da criada.

Mas, cada vez mais comprometida, Luísa vai pagar caro as suas imprudências, a sua leviandade. Vai pagar pelos vinte anos de humilhações, de subserviências, de lágrimas de raiva, sofridas por Juliana.

([31]) Ibidem, p. 240.

Vai indemnizá-la de todas as dívidas e maus tratos que as outras patroas lhe infligiram.

Juliana não perdoará.

Luísa tem já motivos de sobra para se preocupar. Aliás, na altura em que a carta desapareceu, a sua maneira de ser alterou-se um pouco no receio constante de vir a ser descoberta, mas, em breve, esquecida do incidente do «sarcófago» ([32]) e ignorando que outras cartas, imprudentemente, guardadas num cofre, tinham desaparecido, continua a correr ligeira para os encontros com Basílio, deixando Juliana agir à vontade.

Nunca esta usufruira duma situação tão privilegiada, tão cómoda. Por isso, num breve encontro com a sua colega Justina, criada de Leopoldina, comenta: — «Eu agora é que começo a considerar: é onde se está bem é em casas em que há podres!» ([33]). De facto, tudo corre de modo tranquilo naquela casa. Demasiado tranquilo. É a calmaria que precede as grandes tempestades.

Mas Juliana já nada teme e está disposta a prolongar aquele bem-estar pelo tempo que for possível. Porém, a tragédia que se começara a esboçar no dia em que Juliana apanhara a carta que Luísa escrevia

---

([32]) Ibidem, p. 180.

([33]) Ibidem, p. 151.

a Basílio ([34]) carta que, sem reflectir arremessou para o caixote dos papéis, o «sarcófago», parece estar prestes a atingir o seu clímax.

De facto, sem que ela o possa evitar, tudo se transforma, de repente, perante inesperada agressividade de Luísa, Juliana, ferida no seu amor próprio, no seu orgulho, tanto mais que se sabia dona da situação, deixa cair a máscara que por cálculo afivelara e, numa voz estrangulada, através dos dentes cerrados com raiva, diz-lhe, num desafio, que não a teme, que tem em seu poder as cartas do amante. Faz ameaças, grita. Insulta. Não tardará a fazer exigências.

Foi como se tudo desabasse em redor de Luísa. E, na verdade, muita coisa ruiu, se desmoronou para sempre. A partir deste momento, Juliana será a sua sombra negra, o seu algoz, o seu inferno. Ela vai cobrar. Vai cobrar um alto preço pelo pecado de Luísa.

Agora que a situação se tornou clara entre ambas, Juliana não perde tempo. É o momento de agir, de tirar vantagens da situação. Por isso, serenadas as emoções, procura Basílio para lhe extorquir a quantia desejada mas este, conhecedor do que se passou, resolve partir, abandonando Luísa. E esta, desamparada,

---

([34]) Ibidem, p. 180.

fica entregue à sua sorte. Entregue à tirania de Juliana e ao desespero também, porque Juliana, na impossibilidade de obter de Basílio a quantia desejada, não hesitará em usar de todos os meios para extorquir da patroa alguma compensação e todo o proveito possível.

E assim, para melhor conseguir o que deseja, mostra-se ardilosamente servil, atenciosa, mas Luísa já não se deixa iludir, teme-a. Juliana é para ela a angústia, o medo, a ameaça. Aquela calmaria não quer dizer paz, porque ela sabe que Juliana não recuará nas suas intenções. Pressente que o momento de um certo ajuste de contas chegou e que irá pagar bem caro as suas imprudências, a sua insensatez.

A chegada do marido mais vem acentuar os seus temores: receia a todo o momento que Juliana a denuncie, por isso presenteia-a, cede a todas as suas exigências, encobre-lhe as insolências, os desmazelos cada vez mais frequentes. Perde «toda a esperança de se libertar» ([35]).

Vítima da sua incapacidade de luta, calca a sua dignidade, o seu orgulho, submete-se às exigências de Juliana, não age. Pensa que submetendo-se conseguirá apaziguar Juliana, mas esta é insaciável.

([35]) Ibidem, p. 304.

De facto, agora que está «bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pele» ([36]), agora que nada lhe faltava, agora que tem bem-estar, fartura e poder, quer «gozar» ([37]) desses bens e aproveita cada momento o melhor que lhe é possível: levanta-se tarde, quase não trabalha, sai quando lhe apetece, passeia. E Luísa que lhe aturou as exigências, atura-lhe, agora, os desleixos, obrigando-se a fazer tarefas domésticas pesadas, para que o marido não dê pelos desmazelos, enquanto que «uma resignação muda, sombria», a leva a tudo aceitar ([38]).

Mas Luísa está exausta. Desesperada, vê como a sua vida até aí fácil, se transformou num calvário. E pensa como poderia ser boa a sua vida com o marido, agora que se enfastiou do amante. «Que feliz que seria — se não fosse a "infame"!» ([39]). Desorientada, não sabe que fazer, nem para onde se voltar. Sentia-se definhar. «Até onde iria a tirania de Juliana? — era agora o seu terror» ([40]).

A situação torna-se insustentável, mas Luísa não se sente com coragem para nada, embora pense nas mais variadas soluções. «Uma cobardia imensa amo-

---

([36]) Ibidem, p. 299.
([37]) Ibidem, p. 301.
([38]) Ibidem, p. 305.
([39]) Ibidem, p. 301.
([40]) Ibidem, p. 299.

C. M. B.
BIBLIOTECA

leceu-lhe a alma» ([41]), ao mesmo tempo que sente o ódio crescer dentro dela. Odeia Juliana. Odeia-a tanto quanto a sua fraca natureza lho permite. E de tal modo o seu olhar rancoroso a segue, que quase receia que ela se volte «subitamente, como ferida pelas costas» ([42]).

Mas nada mais faz, senão odiar. Tece projectos, encara hipóteses várias, mas acaba por recair «numa melancolia áspera — em que o seu ódio se pervertia» ([43]). Com incontida satisfação, repara na palidez cada vez mais acentuada de Juliana e tem «esperanças no aneurisma; não rebentaria um dia, o demónio?» ([44]).

De facto a antiga doença de Juliana continua a progredir. Aliás, as alusões ao seu precário estado de saúde, repetem-se. E ao longo da intriga, numa progressão lenta, são constantes os sinais duma doença que a há-de vitimar, vencer.

Assim, logo nas primeiras páginas, Juliana é-nos apresentada como uma mulher magríssima, cujas feições tinham «a amarelidão de tons baços das doenças do coração» ([45]) e que «com um risinho amargo» ([46])

([41]) Ibidem, p. 352.
([42]) Ibidem, p. 299.
([43]) Ibidem, p. 300.
([44]) Ibidem, p. 300.
([45]) Ibidem, p. 23.
([46]) Ibidem, p. 65.

comenta a respeito de Luísa que a autorizou a ir ao médico, recomendando-lhe que não se demorasse. «É como quem diz, cura-te ou espicha depressa!» ([47]). De facto ela está doente, a ponto de ter uma síncope: «Fez-se branca como a cal, caiu sobre a cadeira de vime com as duas mãos contra o coração, os olhos em alvo» ([48]). Nova síncope, de características mais graves, acomete-a, tempos depois, pelo que é assistida pelo médico Julião, que previne Jorge: — «Esta mulher um dia morre-lhe em casa». E acrescenta que «o verdadeiro tratamento é o repouso» ([49]).

E repouso tem ela agora, o necessário para sustar o mal que lhe atinge o coração. Repouso físico. Mas os seus desmazelos irritam Jorge, que mais irritado fica ao constatar que Luísa executa grande parte das tarefas domésticas a cargo de Juliana. Por isso decide despedi-la.

Perante tal resolução, Luísa sente-se desesperada. Impotente para demover o marido, pensa nas mais variadas soluções, mas não consegue efectivar nenhuma. Acossada por Juliana, que não hesitará em denunciá-la se o marido levar por diante a intenção de a despedir, decide-se finalmente a falar com Sebastião, que lhe não nega o seu auxílio, e juntos concertam um plano. E é

([47]) Ibidem, p. 65.

([48]) Ibidem, p. 139.

([49]) Ibidem, p. 333.

a partir do momento em que este decide auxiliá-la que tudo se modifica, tudo se precipita. A tragédia está, pois, a atingir o seu clímax.

Assim, quando Sebastião, na ausência do casal, entra em casa deles, acompanhado dum polícia para forçar Juliana a entregar as cartas, esta não tem outra alternativa senão a de, manifestando o seu ódio pela «piorrinha», entregar esses papéis altamente comprometedores para Luísa. E «alucinada de raiva», uma raiva impotente, com que procura abranger Sebastião, acaba por, atingida por nova síncope, cair «para o lado, com um som mole, como um fardo de roupa» ([50]). Foi o velho instinto de agressividade que sempre a dominou, que toda a vida a impeliu, fazendo-a lançar-se contra tudo e contra todos, que, finalmente a destruiu, ao destruir-lhe o frágil coração.

Aquele ódio a agitar-se dentro dela, era demasiado devorador e aquela emoção excessivamente violenta para que o seu coração pudesse aguentar. Por isso, tal como se previa, terminou subitamente os seus dias, perante Sebastião que, desorientado, correu a chamar o médico, que nada pôde fazer, para a arrancar das sombras da morte.

E, perante o cadáver que os incomoda, Julião, o médico, cruza-lhe os braços sobre o peito, fecha-lhe os olhos e, cinicamente, estende-lhe sobre o rosto

---

([50]) Ibidem, p. 378.

uma toalha enxovalhada, chamando-lhe «Feia besta!», como a querer demonstrar que aqueles restos mortais duma mulher que em vida atingiu um certo grau de degradação moral e física, mais não mereciam. Cria-se aqui um ambiente de expressionismo trágico, acentuado pela frase de Julião: — «Estava mais bem alojada que eu, o estafermo!» ([51]).

Esta adjectivação mostra bem o sentimento de repulsa que Juliana despertava nos outros. Um asco levemente tingido de ódio. Um asco que não deixa de dominar também Sebastião e Jorge a quem entretanto aquele prevenira, inventando uma pequena justificação para a morte de Juliana, e perante os transtornos que aquela morte súbita causou, Jorge comenta, contrariado: — «Diabo de mulher, morrer a semelhante hora!» e, perante a ideia de que alguém deveria ficar a velar o cadáver, enfurece-se. E embora Sebastião, movido por um vago remorso, trate respeitosamente os restos mortais daquela mulher que nunca inspirou piedade a ninguém, nem mesmo depois de morta, também ele não fica junto dela. Nem ele, nem ninguém. «Ninguém velou a morta» ([52]). E Juliana, abandonada como a mais miserável das mulheres, não teve nem sequer a mais miserável das criaturas a velá-la no seu leito de morte.

([51]) Ibidem, p. 381.

([52]) Ibidem, p. 385.

Cedo toda a gente da rua sabe da morte da «Tripa velha» ([53]): A estanqueira fala de «as tafularias dela, os luxos do quarto atapetado» ([54]). O Paula, por fanfarronada, deseja-lhe «Boa viagem» ao ver passar o caixão ([55]) e a amortalhadeira, enojada com a defunta, comenta que «nunca vira bicho mais feio. Um corpo de sardinha seca» ([56]), e Ti Joana por seu turno opina «boa mulher não era ela!». E Jorge, enfadado com tudo aquilo, comenta, ainda: — «Era um bom estafermo» ([57]).

E o narrador termina: — «Foi tudo o que a terra deu na sua morte àquela que ia rolando a essa hora, ao trote de duas velhas éguas, para a vala dos pobres e que fôra na vida Juliana Couceiro Tavira» ([58]).

*
* *

Estamos, assim, perante um romance cuja intriga não dura mais que escassos meses e em que Eça de Queirós, explorando a temática do adultério como consequência do tédio e duma educação romântica, foca

---

([53]) Ibidem, p. 386.
([54]) Ibidem, p. 386.
([55]) Ibidem, p. 388.
([56]) Ibidem, p. 388.
([57]) Ibidem, p. 388.
([58]) Ibidem, p. 389.

alguns aspectos da média burguesia lisboeta, tendo como alvo da sua análise a família e males sociais de representatividade ampla.

É uma narrativa cuja duração, como se disse, é de escassos meses e nela as personagens principais, Luísa, Juliana, Basílio e Jorge cumprem inteiramente o seu papel mas destas, só Basílio sai vencedor pois que as restantes, incluindo Jorge, serão vencidas por um destino implacável.

Jorge, porém, vai contrapôr-se, na qualidade de personagem positiva, aos outros três, todos eles personagens negativas, anti-heróis, uma vez que entram em ruptura com os códigos sociais da época: Luísa e Basílio porque envolvidos num adultério e Juliana pela rebeldia, pela insubmissão e, sobretudo, pelo ódio que em si alimenta.

De facto todas estas personagens são portadoras duma tinta emocional (antipatia) que se desenvolve a partir duma base moral, mas Juliana vai distinguir-se das demais pela sua acção na diégese. É ela quem vai accionar o motor da intriga e da tragédia que se lhe seguirá.

Evidentemente que Basílio, primo de Luísa, tem também um papel importante na diégese, assim como os outros, mas não passam todos eles, de títeres postos em acção para demonstrar uma tese, a tese do ócio, da qual Luísa é claro exemplo. Luísa em cuja vida a ociosidade e a sedução pelo adultério se interpenetram. De facto, será o tédio e essa ociosidade que em parte

justificarão o adultério de Luísa, pois que esta, produto duma educação defeituosa, é um leve ser fútil, sem disciplina moral, sobre-excitada pelos ócios e pelas leituras romanescas.

Com uma alma vazia, Luísa facilmente prevarica, porque nada a detém, nem o amor, nem a religião, nem uma consciência ética. Sem verdadeiras peias morais nem religiosas, dominada por simples atracção sexual, deixa-se ir ao sabor das solicitações e, como vimos, resvala no adultério na primeira ausência do marido, melhor, deixa-se resvalar displicentemente, como quem se diverte.

Ela não é dominada pela paixão, nem pela fatalidade psicológica duma Ana Karenini nem sequer é arrastada pelo conflito, como Madame Bovary. Habituada a comportamentos sociais timidamente mundanos, nela estão bem patentes as influências do meio a par de condicionamentos educacionais que fazem dela um ser passivo e indefeso. Se Juliana não se tivesse apoderado das provas do adultério, ela voltaria, feliz, para o marido, sem sentimentos de culpa, sem remorsos, sem problemas de consciência.

Mas é precisamente das mãos de Juliana que recebe o castigo pelo crime cometido. De facto, sem Juliana o fim de Luísa não seria aquele. A tragédia não se teria consumado como castigo do adultério. Se Luísa escreve a carta a Basílio, cuja resposta virá num momento delicado da sua doença, escreve-a indirectamente pressionada por Juliana, pois que esta

exerce sobre Luísa toda a espécie de crueldade. Uma carta que, por ironia, a irá perder quando ela se julgava já salva, porque a resposta de Basílio, recebida fora de tempo, é o evocar de lembranças que ela começava já a esquecer. É a prova do adultério. É a sua sentença de morte.

Assim, Juliana que em vida foi o seu algoz, será, ainda, depois de morta o seu carrasco. Porque esta, apesar de figura subalterna, agiganta-se de tal modo que é, por assim dizer, o «pivot» ao redor do qual se movimentam personagens, se desencadeiam situações. É ela que condiciona toda a dinâmica da intriga na medida em que a sua actuação influencia o comportamento das personagens mais relevantes. É ela que centraliza e precipita o trágico desfecho, porque é ela o polarizador dos componentes do jogo.

E a acção que deveria terminar aqui, continua a desenvolver-se após a morte de Juliana e se se prolonga até à morte de Luísa é porque Juliana, sendo o elemento que accionou o motor da intriga, acciona, igualmente, o motor da tragédia que vai atingir o seu clímax com a morte de Luísa.

Ela é sem dúvida e como já se disse, uma personagem ímpar, onde o rancor e o instinto de crueldade se entrelaçam. É uma personagem que o narratário não deixará de considerar repulsiva de tal modo ela se mostra cruel, cúpida, mesquinha, egoísta.

Mas apesar de todos estes aspectos negativos, ela não deixa, por vezes, de inspirar alguma sim-

patia na sua sórdida existência sem esperança numa sociedade que ela odeia, mas que terá de aceitar, porque dela depende a sua sobrevivência.

Ela é a mulher desamparada na doença, maltratada pelos amos que, segundo ela, «vêem uma pessoa a morrer, e é como se fosse um cão». Ela é uma mulher descrente, que «lentamente começou a tornar-se desconfiada» (59). Mas ela é também a classe proletária, explorada e desprezada e, embora pouco escrupulosa na sua maneira de ser, não deixa de despertar alguma consideração ao próprio narrador que apresenta uma justificação de certo modo benévola para aquele ódio latente e profundo. «A necessidade de se constranger, trouxe-lhe o hábito de odiar, odiou sobretudo as patroas, com um ódio irracional e pueril» (60).

Juliana é, de facto, a revolta personificada contra a servidão. O seu mundo é um complexo e sórdido mundo em que se mistura a insubmissão às leis da vida e da sociedade que criou diferenças de classe tão acentuadas e fez desenvolver no seu íntimo o prazer de lentamente torturar, flagelar. Um prazer que se combina com a sede do poder e uma inveja latente, corrosiva. Há nela um tal número de confluências psicológicas que a tornam inesquecível. Assim, a crueldade com que trata Luísa, embora

---

(59) Ibidem, p. 81.

(60) Ibidem, p. 81.

possa ser a desforra psíquica duma existência eivada de humilhações e sentimentos de inferioridade, não deixa de ser também, a necessidade de expelir o fogo do ódio que lhe queima as entranhas.

É uma personalidade curiosa não só porque actua com a precisão da ave de rapina sobre a presa, mas, e particularmente, porque a sua energia psíquica, a sua agressividade, a sua vontade indomável, ao contrastar com a sua condição de subalterna, com o seu estado de debilidade física, com a sua solidão, a distingue das demais personagens.

De facto, esta personagem é única no género não só pela sua importância na diegese, mas também porque pertence a um extracto social diferente do das outras personagens mais relevantes, a uma classe social dita inferior, o povo, classe que praticamente quase é ignorada por Eça. Mas não é esta condição que, sobretudo, a distingue das demais, porque ela é diferente, também, das mulheres do seu nível social. E ao lado das outras criadas, mulheres conformadas, submissas, Juliana afirma-se como um ser amargo, venenoso, impiedoso. Prosseguindo no flagelo da sua patroa, revela-se de tal modo fria e excessiva que se deixa dominar inteiramente pelo ódio e acaba por destruir o seu futuro, a sua esperança, e a própria vida.

Assim, poder-se-á talvez afirmar que a causa fundamental desse ódio serão as suas qualidades inatas

para desenvolver tal sentimento e não as condições sociais em que vivia.

É certo que a profissão, o contacto diário com patroas exigentes, prepotentes, fez desenvolver nela a propensão para odiar, mas não foi condição suficiente, porque sendo Juliana igual na profissão a muitas que como ela serviam, é diferente, como se disse, na sua maneira de agir e reagir. Ela é, acima de tudo, uma alma complexa, com a sua maneira de ser sombria e emaranhada.

É uma personagem difícil de definir em poucas palavras e que desde o início se opõe a Luísa, não só pelo seu aspecto físico e condição social mas, sobretudo, pelo temperamento, pelo seu estilo de conduta.

Ela alia, como se disse, ao seu profundo e recalcado rancor, toda uma série de defeitos que vão do orgulho exacerbado à vaidade tola, da raiva à preguiça, da inveja à curiosidade bisbilhoteira, da cólera repentina ao ódio latente e meticuloso.

Daí que Juliana seja, como disse António Sérgio ([61]), uma personagem excepcionalíssima, capaz de por si só imortalizar um autor, de constituir, por si só, uma obra prima do mundo da literatura.

([61]) SÉRGIO, António, «Ensaios», Tomo VI.

Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós — Capítulo «O Tédio do Ócio». Ed. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1971.

Texto & Contexto

Ensaio

01. O SAMPAIO DA «REVOLUÇÃO» NAS FRACTURAS DO SÉCULO
Victor de Sá

02. LE RÉEL ET L'IRRÉEL DANS LA DRAMATURGIE DE BECKETT, IONESCO ET TARDIEU
Ferreira de Brito

03. O COMPLEXO IDEOLÓGICO DA «MISÉRIA PORTUGUESA» EM EÇA
Isabel Pires de Lima

04. TEXTES CRITIQUES SUR ANOUILH, IONESCO, TARDIEU, VIEIRA DA SILVA ET ARAGON
Ferreira de Brito

05. GERMANO DE MEIRELES: DA GERAÇÃO COIMBRÃ À GERAÇÃO DE 70
Ferreira de Brito

07. A SOCIALIZAÇÃO DA ARTE EM FERNANDO PESSOA
Fernando Alvarenga

09. ETNOGRAFIA DE PAÇOS DE FERREIRA
Manuel Vieira Dinis

19. A PÁTRIA DE PESSOA OU A LÍNGUA MÁTRIA
José Augusto Seabra

20. ANTÓNIO REBORDÃO NAVARRO:
ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO
Ramiro Teixeira

24. JULIANA E LUÍSA:
DUAS PERSONAGENS QUEIROSIANAS
Maria do Pilar Figueiredo

A seguir:

— ACTAS DO I CONGRESSO NACIONAL «JOSÉ RÉGIO»

biblioteca
municipal
barcelos
16821
Juliana e Luísa

Texto & Co

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO